

FICHA TÉCNICA

Direção do Espaço MIRA

João Lafuente e Manuela Matos Monteiro

Direção Artística

José Maia

Autoria texto crítico

Joaquim P. Marques Pinto

Fotografia e Vídeo

João Lafuente, Manuela Matos Monteiro, Patrícia Barbosa, Rui Apolinário e José Vaz Silva

Assistente de galeria / Press Officer

Patrícia Barbosa

Espaço MIRA

Rua de Miraflor, 159

Campanhã, Porto

929 145 191 - 929 113 431

contacto@espacomira.net

www.facebook.com/espacomirafotografia

www.facebook.com/groups/espacomira

Terça a sábado, das 15:00 às 19:00

Entrada Livre



OS DIAS DA INDEPENDÊNCIA

ALFREDO CUNHA

curadoria . JOSÉ MAIA

25 Jun - 1 Ago

ALFREDO CUNHA | fotógrafo

Alfredo Cunha nasceu em 1953, em Celorico da Beira. Em 1970, inicia a sua carreira profissional na área da publicidade e fotografia comercial. Iniciou a sua actividade fotojornalística no jornal Notícias da Amadora, em 1971. Mais tarde colaborou com o diário O Século e O Século Ilustrado (1972), com a agência noticiosa portuguesa ANOP (1977), Notícias de Portugal (1982) e Lusa (1987). Trabalhou no jornal Público como fotógrafo e editor entre 1989 e 1997. Foi fotógrafo no Grupo Edipresse. Em 2000 iniciou funções na revista semanal Focus. Em 2002 colaborou com Ana Sousa Dias no programa cultural televisivo “Por outro lado” na RTP2. Foi fotógrafo e editor no Jornal de Notícias, de 2003 a 2009 e diretor da agência de imagens Global Imagens de 2010 a 2012. Atualmente trabalha como freelancer e encontra-se a desenvolver vários projetos editoriais e documentais.

Entre os seus vários projetos destacam-se o PREC (1974-1975), România após a queda de Nicolae Ceaușescu e A guerra no Iraque com as tropas portuguesas.

Publicou vários livros, dos quais se destacam Raízes da Nossa Força, Vidas Alheias, Disparos, Naquele Tempo, O Melhor Café, Porto de Mar, 77 Fotografias e um Retrato, Cidade das Pontes, Cuidado com as Crianças, Cortina dos Dias e Os Rapazes dos Tanques.

JOSÉ MAIA | curador

Licenciado em Artes Plásticas – Pintura na Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto. Doutorando do Doutoramento em Artes Plásticas e Artes Visuais “Modos de Conhecimento na Prática Artística Contemporânea” pela Universidade de Vigo. Foi docente das disciplinas de Pintura e de Desenho do Curso Superior de Artes Plásticas e Tecnologias, do Curso de Pós Graduação em Direcção Artística na Escola Superior Artística do Porto – Extensão de Guimarães.

Actualmente é docente da disciplina Projecto IV da Licenciatura em Artes Visuais – Fotografia na Escola Superior Artística Porto e da disciplina Artes Visuais da Pós-Graduação em Comunicação e Gestão Cultural da Universidade Lusófona do Porto.

Organizou e co-organizou exposições individuais e colectivas de jovens artistas no Porto, Lisboa, Faro, Braga, Guarda e Elvas. Desde 1998 tem organizado debates, conversas, conferências e apresentações com criadores de diferentes áreas artísticas, curadores, artistas-comissários, críticos e historiadores. Entre Dezembro de 2008 e Julho de 2009 foi responsável pela programação do Espaço Campanhã e atualmente é o director artístico do Espaço Mira.

Independência para Moçambique

«Let my people go»
— oh deixa passar o meu povo,
deixa passar o meu povo —,
dizem.

Noémia de Sousa, *Let my people go* (Sangue Negro, 2001)

Como se inventa a liberdade, como se sonha um povo, como se conquista a soberania? A presente exposição individual de Alfredo Cunha pretende comemorar os 40 anos da independência completa de Moçambique, proclamada a 25 de Junho de 1975, através do acordo de Lusaca celebrado entre o Estado português e a FRELIMO liderada pelo presidente Samora Machel. Dividida em três momentos, entre a própria independência, a guerra civil e o consequente estabelecimento da paz (1975-1993), as fotografias a preto e branco de Alfredo Cunha revelam o tempo da descolonização, os ventos da utopia, as promessas da revolução, a vida e a morte, as armas e o poder, o sangue e o fogo, o nascimento de uma nação. Do fim do Império representado nos caixotes empilhados junto ao Padrão dos Descobrimentos (um regresso a casa, o epílogo de uma epopeia imaginada debaixo de um céu tumultuoso) aos retornados de rosto quase expressionista a dormir sem destino no aeroporto em Lisboa, das cerimónias políticas mais formais e solenes (nas quais estavam presentes normalmente Machel, Marcelino dos Santos e Joaquim Chissano em conversações com Mário Soares, Otelo Saraiva de Carvalho e Vasco Gonçalves ou líderes africanos como Agostinho Neto, Robert Mugabe e Julius Nyerere), à nudez dos corpos a lavarem esmeradamente as fardas no rio ou os feridos e estropiados que transportam a dignidade última de um sorriso, da doçura das crianças a subverter os conflitos fratricidas (o cão da fogueira será um ícone) até ao incauto soldado que partilha com o fotógrafo um momento de vaidade, Alfredo Cunha, então com 20 anos, testemunha uma viagem desde o Rovuma e a fronteira com a Tanzânia até à antiga Lourenço Marques e a Beira, escreve com a força das imagens jornalísticas uma crónica sobre a transição, as contradições humanas, o sofrimento e a felicidade, a dureza e o pormenor dos gestos, a inclemente guerra devastando a terra e matando irmãos. E mesmo assim há ainda uma palavra: liberdade. Da sua compreensão dependerá a confraternização ou o ódio. A ínfima realidade, a derradeira verdade que habita a metralhadora e os prisioneiros como a placidez e a bondade dos inocentes civis que olham a câmara com generosidade rara. Deixa passar o meu povo.

Joaquim P. Marques Pinto, 2015